

MAIOR DESASTRE AÉREO DO ESPÍRITO SANTO

Há 53 anos, queda de avião matou 25 pessoas no Aeroporto de Vitória

A aeronave Dube caiu após se preparar para o pouso no terminal aéreo da Capital

WING COSTA
wbertulani@redgazeta.com.br

Em 9 de maio de 1962, o Rio de Janeiro ainda se chamava Estado da Guanabara, o Aeroporto Eurico de Aguiar Salles era Salgado Filho e a empresa que fazia a linha aérea entre os Estados se chamava Cruzeiro do Sul.

Às 19h35, a aeronave Dube, um modelo Convair-240 PP-CEZ, recebeu autorização para pousar. Um militar do Departamento de Aviação Civil (DAC) aguardava o pouso na pista. Ele olhou no relógio, era o horário certo para a aterrissagem.

Quando o avião passou, um barulho ensurdecedor encheu o ar do Aeroporto até o Bairro de Fátima, na Serra. Registros de jornais da época informam que o oficial da DAC pôde ver a bola de fogo em que se tornara a aeronave, que passou a 1.500 metros e parou, destruída, muito depois do local onde deveria estacionar. O avião transportava 28 pessoas. Vinte e quatro morreram no local e uma no hospital.

A história é uma das contadas na série “Capixapédia”, que o portal Gazeta Online publica lembrando fatos e personagens im-

RELATO DA ÉPOCA

“INCÊNDIO ONDE AVIÃO CAIU SE ALASTROU”

Cabo Carvalho
Relatos do oficial da FAB

“Os gases que se formaram e o incêndio que se alastrava de forma impressionante obrigaram a me retirar”, diz o relato do cabo Carvalho, primeiro a chegar no local do acidente, à A GAZETA. Antes, entretanto, ele contou que ouviu “os gritos desesperados das pessoas que ficando no aparelho, lutando contra a morte”.

portantes, relevantes e folclóricos do Espírito Santo.

DEFEITOS

Era o 102º voo do PP-CEZ, que saiu às 18h12 do Rio de Janeiro. O avião teria se chocado com um pequeno morro no local do pouso, o que causou o incêndio na aeronave. Um dos sobreviventes, Francisco Lopes Filho, diria a imprensa que o avião já apresentava defeitos meia hora antes do acidente.



Manchete de A GAZETA do dia seguinte deu destaque ao desastre no aeroporto

O local onde parou é o que hoje pode ser visto entre a pista de pouso do aeroporto e o Shopping Mestre Álvaro, na Serra. De difícil acesso e sem água disponível para o trabalho do Corpo de Bombeiros, militares utilizaram apenas um caminhão-pipa para debelar as chamas.

O cabo Carvalho, da Força Aérea Brasileira (FAB), foi o primeiro a chegar no local. O militar tentou prestar socorro. Ele disse à A GAZETA

no dia do acidente que “os gases que se formaram e o incêndio que se alastrava de forma impressionante obrigaram-no a se retirar”.

MILAGRE

O cabo, entretanto, viu o que considerou ser um milagre. Três pessoas saíram do avião, livres do fogo. Eram os sobreviventes da queda: Francisco Lopes Filho, Jean Paul Bodin e Rui Moura Coradini. Este último

morreria no hospital, em decorrência dos ferimentos.

Dos 24 passageiros que morreram no local da queda, cinco eram da tripulação. Personagens importantes do Espírito Santo estavam no voo e morreram.

Entre eles, o engenheiro Fábio Ruschi; um dos sócios-proprietários da Fábrica de Chocolates Garoto, Gunter Zennig; e o membro do Corpo de Segurança Aldeamar Lopes.

Sobrevivente: teto de avião se abriu

Irão de Fábio Ruschi (com 30 anos na época), engenheiro da então Vale do Rio Doce, o dentista Roberto Ruschi, de 79 anos, conver- sou com um dos sobreviventes, o técnico em tecelagem Francisco Lopes Filho, oito anos depois do acidente. Ele disse lembrar apenas que o teto do avião se abriu.

“Eu trabalhei fazendo consultas na antiga Braspérola e atendi o Lopes por oito anos. Durante esse tempo não trocamos uma palavra, até que antes de ele se mudar, ele mesmo entrou no assunto”, diz o dentista.

O sobrevivente contou que não lembrava muita coisa. Segundo Roberto, ele disse: “Sei que esse tempo todo você queria perguntar sobre o que aconteceu, mas nem eu mesmo sei. Lembro que o teto do avião abriu e então eu e o outro (sobrevivente) caímos sentados. É tudo que lembro”.

gazetaonline.com.br

Leia a matéria completa na seção “Capixapédia”, com mais fotos e detalhes do maior acidente aéreo do Estado.

Dois dias depois, A GAZETA noticiava como foram enterros

Dois dias depois, A GAZETA anunciava como foi o sepultamento das vítimas do acidente. Segundo o jornal A GAZETA, “milhares e milhares de carros (oficiais e particulares) que se estendiam por mais de dois quilômetros” compareceram para prestar as últimas homenagens no cemitério de Santo Antônio, em Vitória.

O primeiro corpo a chegar ao cemitério, por volta das 13h do dia 10, foi o do sócio-proprietário da fábrica de chocolates Garoto, Gunter Zennig, enquanto o último foi o de Ariosto da Silva Santos, que demorou a ser reconhecido por causa da deformação causada pelas chamas. As urnas foram

LUTO

3 dias

O governo do Estado decretou luto e ponto facultativo para servidores.

fornecidas pela empresa Cruzeiro do Sul.

A empresa também disponibilizou avião especial (o único da viação que baixou em Vitória desde o acidente) para levar para o Rio de Janeiro corpos carbonizados da tripulação e de outros cinco passageiros cujos familiares moravam em São Paulo,

Belo Horizonte e no extinto Estado da Guanabara.

O Governo do Estado (representado pelo governador Carlos Lindenberg) decretou luto de três dias e ponto facultativo para os servidores públicos.

SAQUES

Jornais da época também noticiaram um enorme número de saques de peças do avião e um difícil trabalho da polícia em impedir que até os corpos fossem saqueados.

Roberto Ruschi, irmão de Fábio Ruschi, morto no acidente, diz que um faqueiro de prata da família que estava com o engenheiro sumiu no desastre.



Capa do jornal ressaltou sentimento de tristeza: “desespero, lágrimas e luto”

REPRODUÇÃO/A GAZETA